

**“O RAP É COMPROMISSO”:  
A territorialidade das batalhas de MC’s na Região Norte Fluminense-RJ\***

SOUZA, Thais Dias de<sup>1</sup>; BERNARDES, Antonio<sup>2</sup>

Recebido (*Received*): 26/06/2017 Aceito (*Accepted*): 28/09/2017

**Resumo**

O presente manuscrito tem por objetivo o estudo das batalhas de MC’s no contexto do movimento *Hip-hop* em duas cidades médias da Região Norte Fluminense, Macaé e Campos dos Goytacazes. Abordamos e discutimos a história do movimento *Hip-hop* em suas origens, a sua emergência e expansão pelo mundo, com destaque para a forma que se particularizou no Brasil. Utilizamos como uma possibilidade teórica para entender suas dinâmicas, em especial, o conceito de território e de territorialidade. Com isso, realizamos uma interpretação acerca dos modos de apropriação e do desenvolvimento da territorialidade *Hip-hop* nas cidades de Macaé e de Campos dos Goytacazes, assim como, há a identificação dos sujeitos-chaves do movimento *Hip-hop* e suas respectivas influências, o modo como eles se articulam e se comunicam entre si para demarcar territórios nas cidades. Nesse ponto, há o destaque para as redes sociais virtuais, que se apresentam com papel fundamental para o desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos e a promoção da ideologia do movimento *Hip-hop*.

**Palavras-chave:** *Hip-hop*. *Rap*. Territorialidade. MC’s. Cidades médias.

**"RAP É COMPROMISSO":  
Territorialidad de las batallas de MC’s en la Región de Norte Fluminense, Brasil**

**Resumen**

Este artículo tiene como objetivo el estudio de las batallas de MC’s en el contexto del movimiento Hip-Hop en dos ciudades intermedias de la Región Norte Fluminense, Macaé y Campos de los Goytacazes, en el Estado de Rio de Janeiro, Brasil. Presentamos e discutimos la historia del movimiento Hip-hop en sus orígenes, su emergencia y expansión por el mundo, con destaque para la forma que se ha particularizado en Brasil. Utilizamos como una posibilidad teórica para entender sus dinámicas, en especial, el concepto de territorio y de territorialidad. A partir de este contexto, realizamos una interpretación acerca de los modos de apropiación y del desarrollo de la territorialidad *Hip-hop* en las ciudades de Macaé y de Campos dos Goytacazes, así mismo, se identifica a los sujetos claves del movimiento *Hip-hop* y sus respectivas influencias, cómo se relacionan y se comunican entre sí para establecer territorios en las ciudades. En ese punto, hay el destaque para las redes sociales virtuales, que se presentan con papel fundamental para el desarrollo de la sociabilidad de los sujetos y la promoción de la ideología del movimiento Hip-Hop.

**Palabras clave:** *Hip-hop*. *Rap*. Territorialidad. MC’s. Ciudades intermedias.

**COMMITMENT RAP:  
The territoriality of the MC’s battles in the North Fluminense region, Brazil**

**Abstract**

The present paper has as objective the study the MC’s battles in the context of the Hip-hop movement in two medium-sized cities in the North Fluminense Region, Macaé and Campos dos Goytacazes, Brazil. It was discussed the history of the movement Hip-hop in its origins, its emergence and expansion around the world, highlighting, the form that it was particularized in Brazil. The concepts of territory and territoriality was used as a theoretical possibility to understand the dynamics of Hip-hop movement, especially, about the ways of

\*Este manuscrito é uma parte da discussão desenvolvida no projeto nível Iniciação científica fomento pela FAPERJ, intitulado “Mexer os quadris para mexer a mente: centralidade urbana de lazer e a territorialidade do movimento Hip-hop em Macaé e Campos dos Goytacazes”, do Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Geografia com mesmo título, além de discussões com o docente orientador.

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes; Docente do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis.

appropriating and developing the territoriality Hip-hop in the cities of Macaé and Campos dos Goytacazes, as well as identifying the key subjects of the Hip-hop movement and their respective influences, how they articulate and communicate with each other to demarcate territories in cities. At this point, there is the emphasis on virtual social networks that are brought into the discussion for their fundamental role in the divulgation of this social movement and in the communications of these subjects to the exchange of experiences in the MC's battles.

**Key-words:** *Hip-hop*. *Rap*. Territoriality. *MC's*. Medium-sized cities.

## 1. Introdução

O desenvolvimento deste manuscrito se ampara na interpretação das relações socioculturais e territoriais do movimento *Hip-hop* nas cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé, ambas situadas na Região Norte Fluminense. Os estudos possuem como ponto de partida a interpretação de como e porque os sujeitos vinculados ao *Hip-hop* se apropriam e modificam as cidades, notadamente, para aquelas áreas que exercem centralidade urbana. Desenvolvemos uma metodologia de pesquisa que possibilitou a análise dos fenômenos culturais que levaram os jovens a participar das atividades ligadas ao *Hip-hop*, o seu modo de apropriação do espaço urbano, suas diferentes formas de representação e como estas dinâmicas sociais podem reforçar ou desenvolver certa centralidade urbana, mesmo que efêmera, com características particulares na construção da totalidade urbana.

O desenvolvimento da metodologia de pesquisa teve como foco o estudo das batalhas de *MC's*<sup>3</sup> que, de forma geral, ocorreram nas áreas centrais das cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes para realização de suas manifestações culturais e de lazer promovidas pelos sujeitos do *Hip-hop*. Devido a estas concentrarem as atividades de comércio e serviços, são também nestas áreas onde há a infraestrutura de rede de Internet e de telefonia móvel celular, as quais possibilitaram as relações sociais virtuais, tão comum aos sujeitos dos coletivos – termo êmico que indica o conjunto de pessoas que possuem interesses em comum e que buscam um mesmo objetivo – como uma ferramenta de promoção de seus eventos e conscientização dos jovens. Desse modo, tomamos como base empírica o estudo de três coletivos ligado ao movimento *Hip-hop*, dois na cidade de Macaé – Roda cultural<sup>4</sup> de Macaé e o CultuRap – e um na cidade de Campos dos Goytacazes – o *Rima Cabrunco*<sup>5</sup>.

Foram realizados trabalhos de campo no período de novembro de 2013 a abril de 2015, priorizando a observação sistemática e participante. A observação sistemática teve

<sup>3</sup> São uma das principais atrações do gênero. Dois *MC's* fazem *freestyle* (rimas improvisadas expressando o que o *MC* sente sobre determinado assunto), geralmente atacando um ao outro e o público decide o vencedor.

<sup>4</sup> É a junção em um mesmo evento dos elementos do *Hip-hop* (Grafite, Rap e *Break*), outras culturas urbanas e atividades esportivas (*Slakeline*, *Skate* e Basquete).

<sup>5</sup> O termo cabrunco deriva de carbunculo, doença que afetava gado bovino. Em Campos dos Goytacazes, Norte Fluminense, Rio de Janeiro, o termo pode ser um palavrão, elogio ou significar espanto. Se palavrão, relaciona-se ao diabo. Se elogio, vale como superlativo.

como finalidade a identificação, o entendimento e o mapeamento das áreas que exercem centralidade urbana e que foram apropriadas pelo movimento *Hip-hop*. A observação participante teve como finalidade o entendimento das dinâmicas dos sujeitos ligados ao movimento, a forma com que estabelecem as relações e a importância das redes sociais virtuais para a promoção das atividades culturais e de lazer.

Em um primeiro momento os trabalhos de campo serviram para identificar os principais sujeitos e suas respectivas influências dentro do movimento *Hip-hop*. Em segundo, percebemos que a identidade *Hip-hop* é uma expressão sociocultural que busca notoriedade na cidade e são constituídos, majoritariamente, por jovens que se apropriam dos espaços urbanos para exporem sua cultura, ainda que por diversas vezes sejam ignorados pelo setor público. Assim, a territorialidade *Hip-hop* nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes são produzidas quando ela emerge em festas, batalhas de *MC's*, eventos voltados para a conscientização dos jovens, numa música que toca em alhures ou numa camiseta que aponta para suas ideologias e, diferentemente do período de sua origem, ele se consolida também pelas relações sociais mediadas pela Internet.

A observação sistemática das *fanpages*<sup>6</sup> e de grupos de discussão no Facebook foi concomitante abordagem *in loco* e participante, destacadamente, nas batalhas de *MC's*. Por um lado, para as redes sociais foram utilizados dois *softwares* livres para produzir um grafo que representasse as relações sociais entre os sujeitos integrantes do movimento – NodeXL e Gephi. Por outro lado, partindo da observação sistemática em direção àquela participante foi possível se inserir em grupos *Hip-hop* para poder, além de interpreta-los, imergir no conjunto de significados e ideologias que os sujeitos cambiam entre si e o modo como se apropriam de locais nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes. Com isso, a partir da vivência com os sujeitos do movimento *Hip-hop*, realizamos algumas entrevistas e tomamos relatos por meio de histórias orais, notadamente, com sujeitos-chave<sup>7</sup>.

Portanto, primeiramente, apresentaremos brevemente a origem do movimento *Hip-Hop* e sua disseminação pelo mundo, com destaque para suas particularidades no Brasil. Em seguida, há a discussão acerca do conceito de território, com destaque para as concepções propostas por Haesbaert, como anteparo para se abordar a territorialidade e as multi e múltiplas territorialidades engendradas pelos sujeitos do movimento *Hip-hop* nas cidades estudadas. Com isso se torna possível apresentar e discutir os modos de apropriação

---

<sup>6</sup> É uma página específica dentro do Facebook direcionada para empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes no Facebook.

<sup>7</sup> Consideram-se como sujeitos chaves aqueles que possuem significativa representatividade e articulação entre os sujeitos do coletivo – ou coletivos –, tanto para as relações presenciais como para aquelas mediadas pela Internet.

e de territorialização dos coletivos e o movimento *Hip-hop* na Região norte Fluminense, especificamente, nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes. Nesse interim, apresentamos um breve histórico da Região estudada e discutimos a metodologia de pesquisa utilizada e desenvolvida, com destaque para alguns procedimentos oriundos da etnografia.

## 2. Do Bronx para o mundo: a globalização do movimento *Hip-hop*

Embora tenha ganhado notoriedade nos Estados Unidos da América, o *Hip-hop* foi criado e desenvolvido na década de 1960, na Jamaica por Kool Herc. Ele se trata de um *Disc Jockey (DJ)* que foi morar em Nova York, nos Estados Unidos da América, em busca de melhores condições de vida. Herc, em viagens pelo Caribe e África, teve contato com um ritmo musical derivado do *Reggae* e trouxe esse canto falado para os guetos de Nova York.

Herc não se limitava a tocar os discos, mas usava o aparelho de mixagem para construir novas músicas. Alguns jovens admiradores de Kool-Herc desenvolveram as técnicas do mestre. Grandmaster Flash, talvez o mais talentoso dos discípulos do DJ jamaicano, criou o *scratch*, ou seja, a utilização da agulha do toca-discos, arranhando o vinil em sentido anti-horário, como instrumento musical. Além disso, Flash entregava um microfone para que os dançarinos pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música, uma espécie de repente-eletrônico que ficou conhecido como *Rap*. Os repentistas são chamados de *Rappers* ou MC, isto é, *masters of ceremony*. (VIANNA, 1988, p.21)

Com a musicalidade criada por Herc, começaram a se desenvolver as *sound-systems*, que eram festas de rua com equipamentos sonoros e comandadas por *DJ's* nos guetos de Nova York. As músicas com características jamaicanas e sul africanas, promoviam a sociabilidade entre os jovens do Bronx<sup>8</sup>. A partir disso, o *DJ* Afrika Bambaata, introduziu ideias vinculadas aos direitos sociais e aos jovens negros a essas festas e a denominou como *Hip-hop*.

O termo *Hip-hop*, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York. Bambaataa percebeu que a dança seria uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e de exclusão, uma maneira de diminuir as brigas de gangues do gueto e, conseqüentemente, o clima de violência. Já em sua origem, portanto, a manifestação cultural tinha um caráter político e o objetivo de promover a conscientização coletiva. (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001, p.17-18).

<sup>8</sup> Bairro periférico de Nova York, Estados Unidos da América.

O *Hip-hop* se difundiu e rapidamente abarcou territórios, tanto, que no fim da década de 1970 gangues juvenis ligadas ao movimento já ocupavam a maioria dos guetos da cidade de Nova York. Os jovens se sentiam excluídos da cidade e enxergavam nessas gangues uma forma de socialização. O movimento *Hip-hop* açambarcou diferentes territórios nos Estados Unidos da América, depois ganhou outros países (GOMES, 2012).

O movimento *Hip-hop* ao se difundir agregava ao seu discurso cantado, dançado – *Break* – e pintado – *Graffiti* – as especificidades políticas e sociais dos locais, notadamente o *Rap* – a expressão musical do movimento *Hip-hop*. Essa particularização do movimento *Hip-hop* estava a cargo dos *MC's* locais, que recebendo influências do *Hip-hop*, desde sua origem no Bronx, agregavam em seus discursos as particularidades do seu lugar.

É impossível pensar o *Hip-hop* dissociado do lugar de onde emerge que são favelas, periferias, conjuntos habitacionais. A trama do urbano constitui este movimento, ao mesmo tempo em que este movimento se inscreve no urbano se apropriando de suas formas e de seus conteúdos através das suas práticas para criar algo novo na cidade: são os grafites que colorem e dão outro significado à paisagem, são os grupos de *break*, que através da dança mudam o ritmo da vida, são as letras dos *Rap's* que ressignificam as periferias e favelas. (RODRIGUES, 2005, p.8).

O movimento *Hip-hop* chega ao Brasil nos anos 1980, a dita década perdida, um período de recessão financeira e instabilidade política. O país ainda sofria com a ditadura militar e a população em sua maioria era urbana e o inchaço das cidades acarretava o surgimento de periferias e de áreas pobres (HERSCHMANN, 2000).

É nesse contexto socioeconômico e político, que possuía suas expressões espaciais nas favelas, periferias das cidades e em conjuntos habitacionais, que o *Hip-hop* e suas diferentes vertentes artísticas – *Rap*, *break* e grafite – ganham notoriedade. Segundo Herschmann (2000), o *break* rapidamente se popularizou e suas competições se apropriaram de espaços públicos como, por exemplo, o metrô de São Bento em São Paulo. A região já era ocupada por *punks* e *skatistas*, agora era também territorializada pelos *b. boys*<sup>9</sup> e *b. girls*<sup>10</sup>. As coreografias de *break* também ocuparam os programas de TV da época, ganhando notoriedade pelo país.

Para Herschmann (2000) o *Hip-hop* começou a ser difundido no Brasil através de toca-discos, vestimentas, encontros de *crews* e *MC's* em locais públicos, primeiramente, em São Paulo e depois na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, ele foi difundido em outras

---

<sup>9</sup> B-Boy = Abreviação para “Break Boy”, “Beat Boy” ou “Bronx Boy”. A palavra B-Boy foi primeiramente usada pelo DJ jamaicano radicado nos Estados Unidos, Kool Herc. Ele deu esse nome a todos os dançarinos do início dos anos 70, e “B-Boy” passou a ser uma designação a um grupo de elite de dançarinos que participavam nas festas organizadas por ele.

<sup>10</sup> Mesmo sentido de B-Boy, porém praticado por mulheres.

metrópoles e grandes cidades brasileiras. Com isso, percebemos a enorme capacidade do movimento *Hip-hop*, mais especificamente de seus integrantes, de disseminar informações e sua ideologia.

Atualmente, mais de 40 anos depois de seu surgimento, o *Hip-hop* passou a ter mais projeções e está nas residências das pessoas que não são das periferias, virou um objeto de consumo da indústria fonográfica e cinematográfica (HERSCHMANN, 1997). Popularizou-se entre os jovens das mais diversas classes sociais, está em boates de luxo, mas também, não deixa de estar nas ruas das periferias das cidades. Todavia, mesmo o *Hip-hop* tendo passado por certa massificação nos últimos anos, ele ainda se caracteriza como um movimento cultural urbano juvenil que possui como uma de suas principais características a luta pelos direitos sociais de jovens das periferias das cidades. Os questionamentos quanto à exclusão social e as desigualdades presentes em nossa sociedade são discutidas no movimento *Hip-hop* e o colocam como um movimento social urbano contemporâneo.

### 3. A territorialidade e o movimento *Hip-hop*

Segundo Rogério Haesbaert (2002) existe três abordagens para o conceito de território. O primeiro, em que o território é considerado como um recurso natural, com demarcações físicas; a segunda abordagem seria o território no campo do simbólico associado à cultura e com relações de poder; e, a terceira abordagem, integra diversas dimensões sociais – como a econômica, política e biológica. Em outra obra Haesbaert (2004, p.2) sintetiza essas abordagens e expõe que o território deve ser entendido de forma relacional, considerando as relações de exercício de poder tanto no âmbito político e econômico quanto funcional e simbólico cultural. Em outras palavras, o território “[...] pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural.” (HAESBAERT, 2007, p.27).

Com isso, percebemos que os locais territorializados pelo movimento *Hip-hop* foram apropriados e territorializados por outros atores sociais, o que nos remete as relações de poder. Esses locais na cidade são carregados de significações sociais, econômicas, políticas e simbólicas. Trata-se de locais que há a multiterritorialidade, porque possuem um conjunto de territorialidades em desenvolvimento.

O território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem sujeita quanto de quem é sujeitado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas de resistência – pois poder sem resistência, por mínima que seja, não

existe). Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. (HAESBAERT, 2007, p.22)

O movimento *Hip-hop* não só indica uma multiterritorialidade, mas também nos mostra que existe múltiplas territorialidades, porque um mesmo local apropriado e territorializado como pertencente a um determinado segmento social pode também nos denotar outras territorialidades desenvolvidas por outros atores sociais pela discussão das relações de poder em diversas escalas, variando entre as simbólicas até as econômicas e políticas.

[...] a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios (e/ou territorialidades) ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma 'multiterritorialidade'. (HAESBAERT, 2004, p.344)

Território e territorialidade são concepções que indicam além das relações de poder, abrangendo as dimensões políticas, socioculturais e econômicas, o modo como os sujeitos utilizam e organizam o espaço e como atribuem significados a este. Nas palavras de Haesbaert (2004, n.p., grifo do autor):

*A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está 'intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar'. Sack afirma também: A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado. (1986, p.219)*

O *Hip-hop* transforma as cidades em espaços mais diversificados quando consideramos que coletivos e sujeitos se apropriam, transformam, atribuem novas significações, assim, novas territorialidades nas cidades. Apropriam-se dos espaços e vão lhes atribuindo novas significações pelas cores e desenhos dos grafites, pela sonoridade dos *DJ's* e dos *MC's* ou pela dança do *Break*. Com isso, transformam certas áreas das cidades, assim como a própria cidade, em um espaço de múltiplas referências e de múltiplas territorialidades.

#### **4. Roda cultural de Macaé e Rima Cabrunco: a territorialização do movimento *Hip-hop* no Norte Fluminense**

#### 4.1. Breve contextualização da área de estudo

Os municípios de Macaé e Campos dos Goytacazes estão localizados na Região Norte Fluminense que é formada por nove municípios – conforme indicado no *Mapa 1* – e, de acordo com o Instituto de Geografia e Estatística - IBGE (2010), ela possui cerca de 800 mil habitantes e uma extensão territorial de aproximadamente 10.000 Km<sup>2</sup>.



**FIGURA 1:** Estado do Rio de Janeiro e a Região Norte.

Desde o século XIX até as três primeiras décadas do século XX a cana-de-açúcar foi uma das principais atividades econômicas da Região Norte Fluminense. Após esse período ela sofreu um forte declínio que prejudicou de maneira geral a economia de boa parte das cidades da Região Norte Fluminense. Porém, na década de 1980, com a implementação do programa do Governo Federal, intitulado Pró-álcool, houve uma tentativa de retomada de crescimento econômico nas usinas da Região, mas sem sucesso. (PESSANHA e SILVA NETO, 2004; PIQUET, 2010).

Pouco antes da implantação do Pró-álcool na Região, especificamente, em 1978, com o desenvolvimento do setor energético, os municípios pertencentes ao Norte Fluminense voltaram a se desenvolver, tanto no setor econômico como nos setores de serviços. A implantação de grandes projetos arrolados a extração de petróleo e gás na Bacia de Campos fez com que a Região passasse por mudanças na dinâmica produtiva, populacional e do setor de serviços e comércio. Dessa forma, houve vultuosos investimentos no setor imobiliário e no setor de comércio e serviços, com destaque para a implantação de *shoppings centers* e grandes redes de lojas e supermercados. De acordo com Molina (2010) a Região Norte Fluminense continuará passando por modificações quanto à dinâmica produtiva por conta

da influência da indústria petrolífera e pelo “Porto do Açú, que ainda deverá trazer impactos socioeconômicos, ambientais e demográficos no interior do Estado” (MOLINA, et. al., 2010, p.10).

#### 4.2. O movimento *Hip-hop* na cidade de Macaé

De acordo com relatos obtidos por meio da história oral de alguns sujeitos do movimento *Hip-hop* em Macaé foi possível aferir que ele surgiu na década de 1990 influenciado pelo *Rap* norte-americano. Os *skatistas* da cidade começam a trazer a musicalidade para suas realidades e versar sobre as suas vivências, o que atraiu pessoas e gerou novas dinâmicas em praças do Centro da cidade. Ainda segundo estes sujeitos, a corrida pelo “ouro negro”<sup>11</sup> fez com a cena cultural de Macaé, especialmente o *Hip-hop*, não tivessem grande aderência na cidade naquela época devido a emergente pujança econômica.

Já por volta dos anos de 2008, Macaé, reconhecida como a capital nacional do petróleo e consolidada a atividades econômicas vinculadas ao mesmo, não se tratava mais de uma vila de pescadores, pois obteve um grande crescimento demográfico, econômicos e, por conseguinte, sofreu um processo de crescimento urbano desordenado e com isso surgiu suas periferias. Essa perifização abriu brechas para a emergência da ideologia proposta pelo movimento *Hip-hop* porque se tratava de um movimento de resistência territorial juvenil, em que os jovens periféricos reivindicam o direito à cidade e denunciam os casos de exclusão social existentes.

A primeira batalha de *MC's* em Macaé foi realizada pelo coletivo *CultuRap* que, desde de seu surgimento em 2009, promove eventos de *Hip-hop* em centros comunitários, escolas e ruas da periferia macaense. Nesses eventos há debates sobre cidadania e utilizam as expressões artísticas vinculadas ao *Hip-hop* como formas de contestação. Ele se territorializa, principalmente, pelo Centro da cidade e nas periferias mais distantes, sendo tanto uma manifestação cultural como uma forma de conscientização política.

A batalha de *MC's* denominada “sabadrop” acontecia na Praça do Colégio Visconde e o evento simbolizava a retomada do *Hip-hop* na cidade. Versos politizados que contavam a realidade dos moradores da periferia buscavam a conscientização das pessoas e a luta pelo direito à cidade. Em 2010, as Rodas culturais passaram a ser de forma itinerante, circulando pela área central da cidade e algumas áreas periféricas. Dessa forma, pessoas de diversos pontos da cidade poderiam participar e conhecer mais sobre o movimento *Hip-hop* da Região.

---

<sup>11</sup> Termo êmico empregado para referir-se ao petróleo.

As Rodas culturais itinerantes foram denominadas pelos seus desenvolvedores de “Roda Cultural de Macaé”. Inicialmente, ela foi desenvolvida pelos MC’s macaenses que começaram em 2010 no Calçadão do Centro da cidade de Macaé. As Rodas foram ganhando visibilidade entre os jovens e o Calçadão já não comportava o evento, então os organizadores realocaram a Roda para a Praça Washington Luiz, também na área central de Macaé. Todas as quintas feiras à noite a Roda Cultural de Macaé se apropriava da Praça central da cidade de Macaé e transformava em letras de *Rap* todas as inquietações dos jovens, além de tornar-se um espaço de sociabilidade dos MC’s, *b.boys* e *b.girls* e grafiteiros.

Nesse período já se tratava de um evento com maiores dimensões e mais representatividade do que outrora. Era um evento público e gratuito, em forma de sarau, com música, *skate*, basquete, grafite e outras modalidades da cultura *Hip-hop*, inclusive fazendo parte do CCRP (Circuito Carioca de Rima e Poesia), importante rede independente de produção cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Segundo os MC’s organizadores, a Roda Cultural de Macaé aconteceu por 2 anos (2012-2013) na Praça Washington Luiz. Em seu último evento reuniu aproximadamente 400 pessoas. Após este evento a Prefeitura Municipal de Macaé, pela guarda municipal, embargou a Roda Cultural. Alegando que era um evento transitório e que havia muita gente na praça, som alto, além de venda de bebida sem autorização da Prefeitura. Desse modo, para que acontecessem as rodas seria necessária autorização de um órgão público.



**FIGURA 2:** Batalha de MC'S em Macaé, 2013.

Os MC’s organizadores do evento afirmam que conseguiram apoio do vereador Marcel Silvano – bastante ligado à promoção da cultura na cidade – para conseguir o alvará para o evento continuar. O vereador recebeu apoio do até então presidente da Fundação Macaé de Cultura (FMC), Juliano Tannus da Fonseca, para que a Roda Cultural retornasse

o mais breve possível. O coletivo *CultuRap* ajudou os *MC's* e elaborou a documentação para conseguir o alvará do evento.

O coletivo *CultuRap* mediante a proibição da Roda Cultural dialogou com outros dois coletivos de cultura urbana na cidade de Macaé, o Unidade *Sound System* e a Associação Macaense de Rock e idealizaram um festival de 12 horas de duração com os elementos do movimento *Hip-hop*, esportes – como basquete, *skate*, *bike*, etc. – e palcos para bandas da cena *underground*. Da união dessas três vertentes da cultura urbana nasceu o Festival *You Vive*, em homenagem ao grafiteiro Yury Luis Alves Neves que fez parte do coletivo *CultuRap* e foi assassinado em 2012, enquanto grafitava em Macaé.

O local escolhido para o evento foi o Parque da cidade, este parque fora destinado desde sua construção para a promoção da cultura urbana macaense, porém, na prática, o Parque da Cidade é uma área abandonada pelo poder público e ficou entregue a marginalidade. Após a realização do primeiro festival *You Vive*, que foi visto como um sucesso para seus organizadores, participantes do evento e críticos ligados à cultura retomaram a discussão com o poder público local para a utilização do Parque da Cidade e pelos jovens e pelos coletivos de cultura.

Após anos de impasses, as batalhas de *MC's* puderam ser viabilizadas junto a Prefeitura do município de Macaé e desde então conseguem promover seus eventos permanentemente no Parque da Cidade. O diálogo entre o coletivo *CultuRap* e a prefeitura de Macaé teve como produto não somente um espaço fixo para realização de batalhas de *MC's*, como também a possibilidade de maior visibilidade do movimento *Hip-hop* por parte da Fundação Macaé de Cultura, promovendo exposições de Grafite.

O coletivo *CultuRap* continua promovendo seus projetos de cidadania nas periferias de Macaé e fazem uso cada vez intenso das redes sociais virtuais para promoção dos eventos e articulação do movimento em Macaé e em outras Regiões.



**FIGURA 3** - Atividades do coletivo CultuRap, 2013.

O fortalecimento do movimento *Hip-hop* em Macaé agregou mais jovens ao movimento e por meio das redes sociais virtuais, especificamente o Facebook, novos sujeitos articularam batalhas de *MC's* e festividades ligadas ao movimento *Hip-hop*. Percebemos dessa forma a importância das redes sociais para o maior alcance dos coletivos aos jovens periféricos e como através das redes o *Hip-hop* se mantém promovendo um processo de significação identitária e produzindo sociabilidade virtual e no espaço urbano.

Turra Neto (2004, p. 272) afirma que “escolher identidades em meio à multiplicidade no meio urbano é também escolher espaços de sociabilidade, é instituir uma territorialidade em rede que articula aqueles espaços em que se manifesta a identidade eleita”. A partir disso, Simmel (1983 apud TURRA NETO; BERNARDES, 2013) afirma que sociabilidade é a participação espontânea das pessoas nas relações sociais e nos grupos, escolhidos por afinidade. Ou seja, é a vontade de estar junto que faz com que esses jovens se encontrem em um determinado espaço da cidade. São as afinidades do e para os sujeitos do grupo que os atraem e os mantêm juntos. Não obstante, pelas atividades de campo foi possível constatar que os sujeitos do movimento *Hip-hop* possuem estreita relação entre si, promovendo eventos, debatendo suas ideologias e promovendo a conscientização dos jovens em relação as desigualdades sociais.

#### **4.2.1. Estudo das redes sociais virtuais do movimento *Hip-hop* em Macaé**

Atualmente, a sociabilidade não se restringe somente as relações presenciais face-a-face como em outrora, ela também ocorre por meio das redes sociais virtuais. Para estabelecer locais de encontros, promover eventos de batalhas de *MC's* e contextualizar discussões com pautas importantes para o movimento. A disseminação do movimento pelas redes sociais virtuais consegue alcançar sujeitos de diversos pontos da cidade e até mesmo

de outras Regiões. Os próprios organizadores das batalhas de *MC's* relatam que é por meio das redes sociais virtuais que ganharam maior visibilidade. É importante destacar que a ferramenta mais utilizada para a divulgação dos trabalhos destes coletivos é o Facebook. Isso ocorre porque o Facebook é a rede social virtual mais utilizada no Brasil (FACEBOOK, 2015).

Na *fanpage* da Roda Cultural de Macaé no Facebook os organizadores afirmam que ela tem como objetivo levar a cultura, informação e entretenimento gratuito a todos (FACEBOOK, 2014a). O intuito do evento é ter uma interação de diversos movimentos artísticos e não ficar restrito a participação dos moradores de Macaé.

Já na *fanpage* no Facebook do *CultuRap*, informa que este coletivo é responsável pela promoção de eventos esportivos, artes e músicas (FACEBOOK, 2014b), além de promover projetos sociais pela utilização do grafite, *Rap e skate*. Por meio dessas atividades buscam estimular a criatividade dos jovens das periferias, os incentivando para a cultura, arte, esporte e música. Em resumo, almejam conscientizar e incluir os jovens marginalizados e na sociedade através dos projetos ligados a cultura *Hip-hop*. Além disso, o coletivo promove suas festividades ligadas à cultura urbana e luta pelos direitos dos movimentos sociais para que possam se manifestar-se nos espaços públicos.

Nesse sentido, *fanpages* como as dos coletivos *Hip-hop* e outras tantas mídias sociais e redes sociais virtuais podem ser tomadas como fonte dados para pesquisas, notadamente, porque

Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos, indica também [...] que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008).

O procedimento de pesquisa para a interpretação das dinâmicas socioculturais em mídias sociais e redes sociais virtuais foram denominadas de pesquisa netnográfica. Utilizado amplamente na área de Comunicação Social esse procedimento se trata da

[...] transposição virtual das formas de pesquisa face a face e similares, apresenta vantagens explícitas tais como consumir menos tempo, ser menos dispendiosa e menos subjetiva, além de menos invasiva já que pode se comportar como uma janela ao olhar do pesquisador sobre comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, fora de um espaço fabricado para pesquisa, sem que este interfira diretamente no processo como participante fisicamente presente (KOZINETTS, 2002). Por outro lado, ela perde em termos de gestual e de contato presencial off-line que podem revelar nuances obnubiladas pelo texto escrito, emoticons, etc. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p.36)

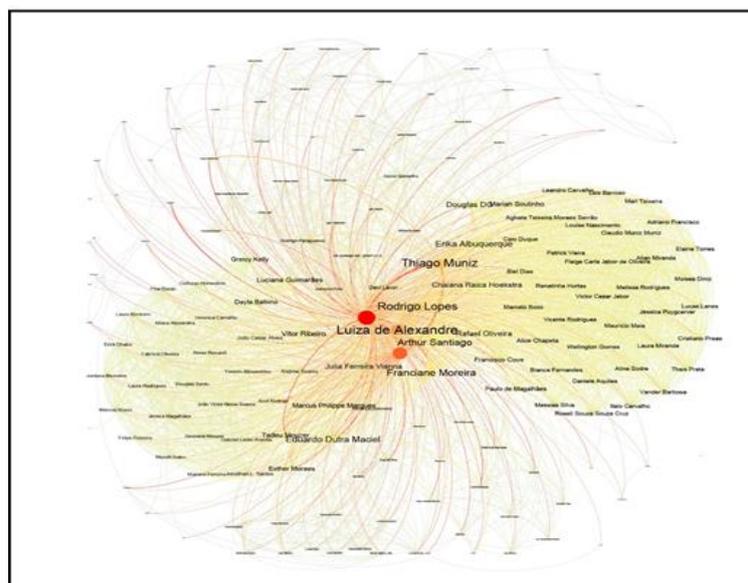
Os autores além de apontarem o que se trata a pesquisa netnográfica expõem alguns pontos favoráveis e outros nem tanto quanto a aplicação desse tipo de procedimento. Se por

um lado, a pesquisa netnográfica é prática e permite boas interpretações das dinâmicas culturais de certo grupo, por outro lado, ao se afastar das relações presenciais ela não permite uma interpretação mais aprofundada que leve em conta a imanência das relações.

Nesse sentido, por se tratar de um estudo geográfico, não podemos negligenciar a imanência das relações sociais, sobretudo, porque consideramos que as redes sociais virtuais destes coletivos do movimento *Hip-hop* são utilizadas, também, como uma forma de se apropriar e se territorializar de áreas na cidade. Além do mais, é necessário atentarmos que nem sempre, como afirmou Turra Neto e Bernardes (2013), há a correspondência entre os sujeitos mais ativos na *fanpage* do Facebook e aqueles nas relações presenciais nos eventos. Com isso, tomamos somente alguns procedimentos preconizados para a netnografia (KOZINETS, 2002), como a análise quantitativa por meio da webmetria e a análise das redes sociais, deixando de lado análise de discurso e a análise de conteúdo.

A webmetria foi realizada por meio de um *software* de levantamento e sistematização dos dados obtidos nessas redes sociais, NodeXL, o *template* do Microsoft Excel. Já para a análise das redes sociais foi utilizado o *software* Gephi, que gera as representações das redes sociais sob a forma de grafos. Então, a netnografia comparece com dois procedimentos de pesquisa que nos permitiu identificar os principais sujeitos do movimento *Hip-hop* macaense nas redes sociais virtuais para que, em trabalho de campo e presencialmente, analisar se eles são realmente sujeitos-chave da articulação do movimento.

Desse modo, analisamos primeiramente a *fanpage* da Roda Cultural de Macaé, embora a sua principal atividade não esteja acontecendo, a batalha de *MC's* na Praça Washington Luiz, esse coletivo articula batalhas de *MC's* em outros locais da área central de Macaé. Tornando-se o principal promotor de eventos de *Hip-hop* em Macaé e influenciando outros municípios da Região Norte Fluminense para realização de eventos.



**FIGURA 5:** Grafo de grau de importância dos sujeitos na fanpage da roda cultural de Macaé.

A *Figura 4* nos permite a análise do *Grafo*<sup>12</sup> em que se destaca a importância de certos sujeitos na rede social virtual pelo tamanho do nó e a sua cor representa um grupo de contatos imediatos em relação ao nó principal. Cada nó se trata de um sujeito e as linhas são as suas respectivas conexões na rede. A dimensão de cada nó indica sua importância na rede, ou seja, torna-se possível a identificação do sujeito de maior influência da página eletrônica, aquele que mais pública e compartilha informações na *fanpage*.

Consideraram-se para a elaboração do grafo somente os “comentários” entre os sujeitos da *fanpage* Roda Cultural e não as “curtidas” e “compartilhamentos”, pois essas duas últimas não se tratam de discussões e sim, respectivamente, de uma espécie de ciência e de divulgação para certa discussão ou mídia compartilhada.

Desta forma, através do grafo pudemos identificar os sujeitos-chaves<sup>13</sup> para e a partir disto realizamos entrevistas e aferimos o quanto são fundamentais para o desenvolvimento, consolidação e manutenção da rede social virtual como uma forma de sociabilidade, visto que através dos sujeitos que possuem notoriedade na rede social virtual que podemos

<sup>12</sup> Destaca-se que considerando que cada nó da rede se trata de um sujeito, optou-se pela representatividade dos fluxos – arestas – da rede ao invés dos nomes de todos os sujeitos e há uma relação de proporcionalidade para o desenvolvimento do grafo, ou seja, quanto maior representatividade de certo sujeito na rede, maior será o nó e a fonte gráfica que indica seus respectivos nomes. Desse modo, nem todos os nomes dos sujeitos ficaram legíveis no grafo, somente aqueles que possuem grande representatividade. Ademais, indica-se que os nomes dos sujeitos que participam da *fanpage* da Roda Cultural de Macaé são públicos pelo consentimento dos próprios usuários do Facebook no momento em que optam que a sua publicação a seja dessa forma.

<sup>13</sup> Os sujeitos femininos em destaque, Luiza, Franciane e Érika no grafo são extremamente relevantes na sociabilidade virtual da Roda Cultural de Macaé, porém nas batalhas de MC's não foram percebidas essas pessoas, mostrando assim que não tinham o mesmo grau de importância tais sujeitos no campo real e no campo virtual por isso não as consideramos como sujeitos-chave.

entender a influência e modo como os sujeitos do coletivo *Hip-hop* se apropriam e se territorializam nas áreas centrais da cidade.

A análise do grafo nos remete a relação do território e da rede que para Haesbaert (2004) não são dicotômicos, pois a rede pode ser um elemento que compõe o território. Partindo desse pressuposto, o território abrolha como um movimento que se repete e se territorializa, que “significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2004, p.280). Assim, a rede possui vetores territorializadores e desterritorializadores que de forma alguma deixam nulo o território

Para nossos propósitos, a característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais ‘interno’ ou construtor de territórios, ora de desestruturação, mais ‘externo’ ou desarticulador de territórios. (HAESBAERT, 2004, p. 294).

Sendo assim, a territorialização não ocorre somente por meio das relações presenciais dos sujeitos, mas também existe a territorialidade das redes que através das relações mediadas eletronicamente faz com que o espaço urbano seja apropriado empiricamente e simbolicamente.

O desenvolvimento e articulação dessas territorialidades através das redes sociais virtuais é uma das formas de expressão daquilo que Haesbaert define como território-rede, que traz a possibilidade de territorialização e reterritorialização no espaço. Ao mesmo tempo esse movimento produz uma multiterritorialidade, que “é, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou ‘pós-moderna’, da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam desterritorialização” (HAESBAERT, 2004, p. 338).

Podemos afirmar também que “esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não hierárquicas, é que damos o nome de multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2004, p. 343). A multiterritorialidade

[...] implica assim a possibilidade de acessar ou conectar, num mesmo local e ao mesmo tempo, diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma ‘mobilidade concreta’, no sentido de um deslocamento físico, quanto ‘virtual’, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço (HAESBAERT, 2004, p. 343-44)

Portanto, podemos afirmar que as novas formas de territorialidade nos revelam a importância das relações dinâmicas dos internautas ligados ao movimento *Hip-hop* em Macaé para o reforço dos modos de apropriação e territorialização do espaço urbano.

Por meio dos dados obtidos pela análise das redes sociais virtuais fomos ao campo e conhecemos Thiago Muniz, um *MC* que pertence ao movimento *Hip-hop* macaense desde as primeiras batalhas de *MC's* na cidade. O *MC* tem um grupo de *Rap* chamado “coletivo pés descalços” e, além de ajudar na promoção das batalhas de *MC's*, Thiago tem um bom diálogo com o coletivo *CultuRap* e participa de diversos eventos realizados por eles. Fomos ao estúdio que, também é a casa do *MC*, para entendermos um pouco mais sobre a importância do *Hip-hop* para os jovens de Macaé.

Thiago Muniz, 24 anos, natural de Macaé, falou um pouco sobre a inserção do movimento *Hip-hop* na cidade e conta que desde seu surgimento o movimento teve momentos gloriosos e de conquistas, assim como, também de baixas. Questionamos qual a importância do *Rap* na vida dele e o mesmo disse que “o *Rap* foi uma salvação”, contou que não gostava de música, que o pai escutava vinil e ele detestava.

A primeira vez que eu ouvi *rap* foi em um campeonato de *skate* aqui no Centro. Nunca esqueço, era um som do RZO e aquele *Rap* mudou minha vida, ampliou minha mente, me deu uma outra visão das coisas. (MUNIZ, 2014).

O *MC* afirmou que o *Rap* é a melhor forma de manifestar ou denunciar as coisas que acontecem nas comunidades, a realidade das pessoas do gueto, e que os jovens se identificam porque veem uma linguagem de rua versada em músicas. Ele ainda afirmou que o *Rap* conecta as pessoas e relata que não conhecia nenhum integrante de grupos de *Rap* e que foi por meio de um amigo que adentrou ao *Rap* e assim que montaram o coletivo “pés descalços”.

O coletivo “pés descalços” existe há 3 anos e passou por diversas formações, mas Thiago e seu amigo, Douglas, conhecido como DG, sempre estiveram juntos nessa empreitada. Thiago afirma que a maior ferramenta de divulgação dos trabalhos do coletivo é a Internet, mais especificamente o Facebook. Através das redes sociais virtuais eles conseguem comunicar-se com pessoas de outras localidades, trocarem ideais sobre músicas e divulgar os eventos que o coletivo participa ou os que eles organizam.

No meio do bate papo os demais integrantes do coletivo “pés descalços” chegaram e começaram a falar sobre o *Rap* e a importância para cada um deles. Fernando Ramos, de 19 anos, conhecido como “kep”, contou que fazia grafite pela cidade e percebeu que a forma de vida que ele levava era diferente das letras de *Rap* que ele ouvia. Percebeu que era mais indisciplinado e o *Rap* o ajudou a perceber que estava errado, lhe deu outra visão de mundo, de postura. Ele acredita que o *Rap* é a forma de alertar os jovens quanto a sua postura, seu

comportamento. Uma forma de mudar a pessoa para melhor. Enxergar a realidade e querer lutar por uma melhoria.

Eu era muito doído, sempre fui um cara muito sem limites e o *Rap* entrou na minha vida para somar. O *Rap* me colocou na linha e percebi coisas que eu não fazia ideia antes. E, eu vejo muito isso nos jovens, a mudança que o *Rap* faz na vida das pessoas. (KEP, 2014).

Já Douglas “DG”, de 23 anos, que é do município de Duque de Caxias, que pertence a Região da Baixada Fluminense, mas mora em Macaé há 13 anos, afirmou que a importância do *Rap* para ele está além de fazer música. Ele relatou que o *Rap* veio para fazê-lo pensar e questionar as coisas do cotidiano. Ele entende o *Rap* como uma forma de protesto, porque faz as pessoas repensarem sua realidade e a realidade de sua cidade como um todo. Disse que o *Rap* é importante para comunidade para trazer essa discussão para dentro das casas, levar os questionamentos das coisas que só refletem para as camadas mais baixas, uma discussão sobre a desigualdade social:

É difícil você ser pobre e só viver para trabalhar, para sustentar uma família. É difícil você ter forças para sorrir em meio às dificuldades cotidianas e o *Rap* permite isso às pessoas. Ele traz a força que as pessoas do gueto necessitam. (DG, 2014).

DG argumentou também da importância da Internet para a promoção do *Rap* e disse que por causa do Facebook eles ganharam visibilidade e que quando vai a eventos do movimento *Hip-hop* na cidade do Rio de Janeiro ele é reconhecido, assim como as músicas do coletivo “pés descalços”.

Com isso, percebemos que o movimento *Hip-hop* macaense possui influência na Região Norte Fluminense e prestígio entre outras Rodas Culturais de diversas Regiões do Estado do Rio de Janeiro, como por exemplo, na cidade de Rio das Ostras, localizada na Região dos Lagos, e em Nova Friburgo, cidade da Região Serrana Fluminense, sobretudo, a devido a promoção e divulgação de suas atividades por meio de mídias sociais e redes sociais virtuais.

#### **4.3 “Se integrando” pelo movimento: o *Hip-hop* nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes**

Destacamos a integração do movimento macaense com o movimento *Hip-hop* da cidade de Campos dos Goytacazes, notadamente, porque os coletivos e *MC's* de Macaé produzem forte influência nas batalhas de *MC's* e festividades ligadas ao movimento em Campos dos Goytacazes. Diversos *MC's* macaenses frequentam as batalhas promovidas na

pelos campistas e as redes sociais virtuais intensificaram essa comunicação entre os coletivos.

Tornou-se bastante comum o diálogo entre pessoas das duas cidades ligadas ao movimento *Hip-hop* e, com a divulgação expressiva no Facebook, é frequente a participação de sujeitos importantes no *Hip-hop* de Macaé em Campos dos Goytacazes e vice-versa. Entendemos, assim, que o movimento *Hip-hop* campista recebe bastante influência dos coletivos de Macaé e buscam ser próximos para consolidar o movimento *Hip-hop* na Região Norte Fluminense.

Podemos exemplificar essa interação através de *print screen* do grupo no Facebook da Roda Cultural de Macaé, no qual um dos organizadores da Rima Cabrunco divulgam um evento ligado ao movimento *Hip-hop* campista.



**FIGURA 6:** Print screen da fan page da roda cultural de Macaé, 2017.

Além de trocas de experiências em eventos, músicas e diálogos ligados à cidadania dos sujeitos periféricos<sup>14</sup>, os sujeitos do movimento *Hip-hop* das cidades estudadas buscam ampliar seus discursos para atingir mais jovens que estão à margem da sociedade.

Um exemplo de como o diálogo entre o movimento *Hip-hop* macaense e o movimento campista possuem estreita relação pode ser vislumbrado pela realização do festival *You vive 2*. O evento foi realizado, novamente, no Parque da Cidade, com autorização da prefeitura de Macaé. Houve sua divulgação no Facebook, ao ponto de o evento ser capa e destaque de jornal local, “O Debate”, na primeira página do caderno dois.

Por meio do Facebook notamos o alcance do festival *You vive 2* para sujeitos de diferentes localidades. E, mesmo quem não pôde comparecer ao evento, pôde acompanhar através da rede social virtual, Facebook, o que estava acontecendo no evento, graças transmissões ao vivo por meio de *smartphones* de sujeitos que lá estavam.

<sup>14</sup> Trata-se de quem tomou posse de sua condição periférica. (ANDREA, 2013, p.173).

Foi notada a presença de diversos campistas no evento que foram com a finalidade de aproveitar a festividade e também para prestigiar a presença de *MC's* e grafiteiros campistas, o que reforçou a interação do movimento de ambas as cidades. Um fato curioso foi que enquanto acontecia o evento em Macaé, grafiteiros campistas que, por algum motivo não puderam estar presentes no evento, saíram pela cidade de Campos dos Goytacazes e grafitaram muros pela área central em homenagem ao *You Vive* e compartilharam esses trabalhos na rede social virtual. Isso pode ser uma demonstração de que mesmo não estando no festival *You vive 2*, estavam conectados por meio do Facebook, reafirmando através dos grafites a articulação dos coletivos da Região Norte Fluminense.



**FIGURA 7:** Grafite no centro de Campos dos Goytacazes feito em homenagem ao festival *You Vive*, 2014.

O evento começou por volta das 10 horas e foi até 00 horas no dia 13 de dezembro de 2014. Ele contou com diversos campeonatos esportivos, dentre eles: futebol, basquete e *skate*. No início das atividades haviam três palcos com *shows* simultâneos e com debates sobre a cultura urbana. O festival contou com atrações de *Rock*, *Reggae* e dos elementos do movimento *Hip-hop*. Foram realizadas batalhas de *break* e de grafite e *MC's*, além de apresentações de grupos de *Rap* locais, como o coletivo “pés descalços”.

No evento percebemos um sujeito em destaque, o *MC* Rogério Riccioppo, conhecido como Magreen, de 29 anos. Ele é um dos organizadores do festival *You vive* e nos contou a importância desse evento para cidade de Macaé e para a promoção da cultura urbana entre os jovens.

O festival é feito com parceria dos coletivos da cena urbana de Macaé e de outras cidades vizinhas. Nós queríamos homenagear o Yuri e também fortalecer a cena cultural de Macaé. A gente acredita que só ocupando a cidade com cultura, esporte, lazer e trazendo informação para eles que podemos fazer a diferença. (MAGREEN, 2014).

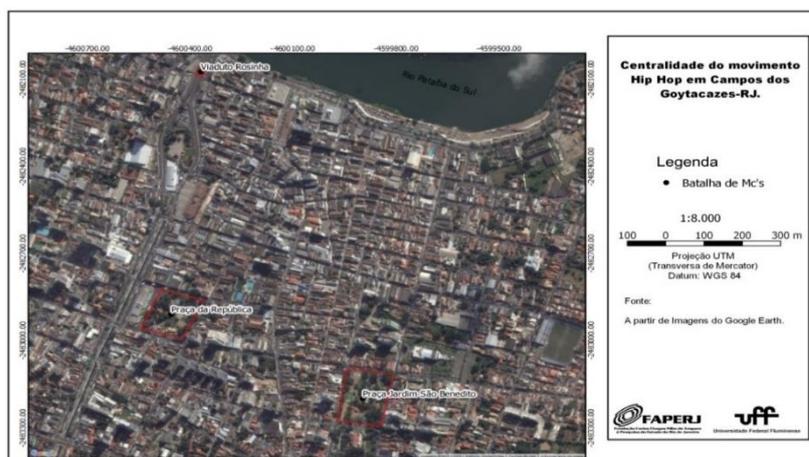
O MC faz parte do coletivo CultuRap e relatou viver do Rap e, mais que isso, ele vive para o CultuRap. Ele afirmou que já teve oportunidade de ver muitos jovens serem salvos do crime por causa do Hip-hop e que o Rap faz diferença nas vidas cotidianas desses jovens. Rogério entende a importância de Macaé para a articulação do Hip-hop no Norte Fluminense e afirmou que a Internet é de suma importância para que eles possam atingir mais sujeitos. Ele também contou que o crescimento das batalhas de MC's pela Região Norte Fluminense está mais intensa por conta das redes sociais virtuais e que estas fazem com que os jovens se desloquem de uma cidade para outra para poderem participar. O mesmo fala que sempre que é viável vai as batalhas realizadas em Campos dos Goytacazes, que tem um bom diálogo com os articuladores do Rima Cabrunco e que por ter uma casa na cidade torna-se mais fácil frequentar os eventos e “somar” com o movimento campista. Por fim, Rogério “Magreen” disse que é muito importante para o movimento Hip-hop de Macaé que o Parque da cidade se torne um ponto fixo de encontro do movimento e não só um local para realização de um evento uma vez no ano, que se faz necessária uma ocupação nesta praça por parte do movimento para a promoção da arte.

#### 4.4. O movimento Hip-hop em Campos dos Goytacazes

O movimento Hip-hop se desenvolveu em Campos dos Goytacazes pela necessidade que os sujeitos do movimento Hip-hop campista perceberam de realizar eventos na cidade. Até então, os adeptos ao Hip-hop em Campos dos Goytacazes frequentavam batalhas de MC's em outros municípios, como por exemplo em Macaé.

Em 2011 decidiram criar uma batalha de MC's campista, denominada de Rima Cabrunco – a rima se refere à forma que os MC's improvisam letras de rap e cabrunco é uma expressão local. A princípio, a Roda surgiu com intuito de agregar os MC's locais, porém, com o passar dos encontros, os organizadores perceberam que a cultura urbana tem diversas tribos diferenciadas e começaram a dialogar com outros grupos, como por exemplo, os skatistas e os seguidores do Rock underground. Assim, o Rima Cabrunco se transformou, segundo seus organizadores, em um palco aberto na cidade em que todos podem expor sua arte.

Esse encontro cultural de todas as vertentes urbanas tem como ponto de encontro a Quadra de Esportes Hugo Oliveira Saldanha, localizada embaixo do viaduto Leonel Brizola, no bairro Centro, em Campos dos Goytacazes, conhecido popularmente como “viaduto da Rosinha”<sup>15</sup>, como demonstrado no *Mapa 2*.



**FIGURA 7:** Centralidade do movimento Hip-Hop em Campos dos Goytacazes-RJ.

Nesses encontros ocorrem várias atividades simultâneas como basquete, malabares<sup>16</sup>, a prática de *skate* e a batalha de *MC's*. Há também uma biblioteca comunitária em que todos os frequentadores e visitantes das batalhas podem deixar suas doações de livros, assim como, podem deixá-los para a locação, que acontece de forma gratuita.



**FIGURA 8:** Batalha de *MC's* da Rima Cabrunco, 2014.

<sup>15</sup> Forma como os frequentadores do local e pessoas que residem em Campos dos Goytacazes denominam a Ponte Leonel Brizola. A ponte começou a ser construída em 2004. Ficou oito meses embargada por questões ambientais e devido a uma disputa política entre a então governadora do Rio de Janeiro, Rosângela Barros Assed Matheus de Oliveira Garotinho, e o então prefeito de Campos dos Goytacazes, Arnaldo Viana. Foi entregue ao tráfego em 2007 com o nome de Ponte Rosinha Garotinho. Mais tarde foi renomeada de Ponte Leonel Brizola. Todavia o nome mais popular é o primeiro que foi adotado.

<sup>16</sup> Arte de lançar objetos e mantê-los no ar, ou manipular objetos com destreza. Pode ser praticado com diferentes objetos, incluindo bolas (mais comum), claves (parecidos com pinos de boliche), anéis, diabólos, swing poi, ou até mesmo objetos "não-malabarísticos" como laranjas, bolas de meia, celulares, objetos de escritório, etc.

Eles criaram um mural de fotos que denominam de Facebook da rua, que são expostas fotos, tiradas por frequentadores das batalhas, dos eventos e da cidade de Campos dos Goytacazes. Além das batalhas de *MC's*, outros elementos do *Hip-hop* se fazem presente na *Rima Cabrunco*, como por exemplo, o grafite.

Na *fanpage* da *Rima Cabrunco* no Facebook, os organizadores afirmaram que a Roda cultural tem por objetivo a integração social através da cultura urbana, acontecendo batalhas de *MC's*, em que estes discorrem sobre temas selecionados pelo público no momento, (FACEBOOK, 2015). Eles se definem como uma jaula cultural da cidade e como um ponto de encontro saudável para os jovens. Eles relataram que sempre ocorrem coisas novas a cada encontro e que são sempre surpreendidos com as trocas que ocorrem nos eventos. O *Rima Cabrunco* funciona também como palco para artistas emergentes apresentarem seus trabalhos e trocarem ideias com outros artistas (FACEBOOK, 2015).

“Do povo para o povo” e “da rua para rua” são expressões que os organizadores das batalhas utilizam para definir o *Rima Cabrunco*. A Roda começou a ser articulada por Luiz Cláudio, conhecido como Sativa' Mente, Felipe *flow*, Fábio Dyrua e outros *MC's* locais que se reuniam para trocar ideias e rimar. Em um desses encontros os *MC's* falavam sobre suas experiências em batalhas de *MC's* em outras cidades e regiões, e então surgiu o questionamento: “por que não ter uma roda de rima em Campos?”.

As batalhas de *MC's* aconteciam primeiramente de 15 em 15 dias, sempre aos sábados, debaixo do Viaduto da Rosinha. As batalhas são duelos entre dois *MC's* e são divididas em dois blocos, o primeiro chama-se batalha de sangue, que tem por intuito denegrir o adversário verbalmente. Já o segundo bloco é marcado pelas batalhas temáticas em que o público interage sugerindo o tema a ser versado e um quadro de palavras aonde o *MC's* têm que criar uma rima com todas as palavras contidas no quadro.

Em 2012, as batalhas ficaram enfraquecidas e o movimento ficou destoado de forma que quase não eram mais realizados eventos. Os poucos eventos aconteciam na Praça São Salvador, porém não tiveram muito sucesso. Com o objetivo de retomar as batalhas e fazer o movimento ter maior visibilidade as rimas retornaram ao Viaduto da Rosinha.

Em 2014, os organizadores resolveram realizar batalhas em outros pontos centrais da cidade a fim de promover a Roda Cultural. O primeiro local escolhido foi o Jardim São Benedito, importante praça em área central da cidade. Essa praça tem em seus arredores imóveis residências e é conhecida por ser uma região nobre do Centro de Campos dos Goytacazes. O segundo local selecionado foi a Praça da República, localizada atrás da Rodoviária Roberto da Silveira, no Centro de Campos dos Goytacazes.

Segundo *MC's* do movimento local, quando as batalhas começaram não existiam muitos aparatos eletrônicos, tudo era feito de forma bastante simples e com dificuldades, como os mesmos relatam em conversas informais. Hoje as batalhas contam com aparatos eletrônicos e premiações, muitas vezes fornecidas por lojas e microempreendedores que acreditam na ideia da Roda Cultural de trazer mais eventos e promoverem a cultura campista.

Os *MC's* de Campos dos Goytacazes dialogam com *MC's* de diversas cidades e regiões e isso se tornou mais fácil com a Internet. Por meio das redes sociais virtuais os *MC's* campistas conseguem trocar informações, divulgar seus eventos e ganhar visibilidade na região Norte Fluminense. Resultado disso é o intenso diálogo que os organizadores da *Rima Cabrunco* têm como os organizadores do Coletivo *CultuRap* em Macaé.

A *CultuRap Store* – loja especializada em artigos de *Hip-hop* do coletivo *CultuRap* – fornecem diferentes premiações de sua loja para os ganhadores das batalhas de *MC's* da *Rima Cabrunco*. Além dessa loja, a roda de rima consegue apoiadores de outros segmentos comerciais de Campos dos Goytacazes para colaborarem na promoção dos eventos e nas premiações das batalhas.

Os organizadores da *Rima Cabrunco* destacam a importância da Internet para a promoção de seus eventos e relatam que por meio do Facebook conseguem comunicar-se com pessoas de outras localidades, trocarem ideais de músicas e ficam informados de eventos e batalhas da Região para que possam participar. Esses *MC's* divulgam a Roda Cultural através de sua *fanpage* e grupo no Facebook, e possuem também um canal<sup>17</sup> no Youtube<sup>18</sup>, que se trata de um *site* de compartilhamento de vídeos, que compartilham trechos das batalhas e músicas autorais.

Os organizadores do *Rima Cabrunco* e diversos *MC's* da cena local participam de eventos ligados a cidadania promovido por grafiteiros da cidade, como os mutirões de grafites realizados em bairros periféricos da cidade de Campos dos Goytacazes. Percebemos uma delimitação do território *Hip-hop* na cidade não somente por conta das batalhas que ocorrem, mas também pela apropriação do grafite na cidade.

Atualmente, as batalhas de *MC's* ocorrem semanalmente, as sextas-feiras, na quadra de esportes debaixo do Viaduto da Rosinha, no Centro de Campos dos Goytacazes. Outras

---

<sup>17</sup> A ideia é idêntica à da televisão, em que existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários, onde podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas.

<sup>18</sup> O termo vem do Inglês “**you**” que significa “você” e “**tube**” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Portanto, o significado do termo “youtube” poderia ser “**você transmite**” ou “**canal feito por você**”.

batalhas ocorrem esporadicamente pela cidade, sempre com intuito de maior alcance dos jovens quanto ao conhecimento cultural, cidadania e ao movimento *Hip-hop*.

A fim de verificar se os principais sujeitos do movimento *Hip-hop* campista tinham a mesma influência nos eventos e festividades promovidas pela *Rima Cabrunco* como nas redes sociais virtuais, realizamos, primeiramente, a observação sistemática nos eventos de batalha de *MC's* e na *fanpage* da *Rima Cabrunco* para verificarmos a existência de sujeitos-chave e o quanto esses eram ativos.

Foi analisada a *fanpage* da *Rima Cabrunco*<sup>19</sup> que articula batalhas de *MC's* em Campos dos Goytacazes tornando-se o principal promotor de eventos de *Hip-hop* na cidade, além de dialogar e participar de eventos do movimento *Hip-hop* em outros municípios da região Norte Fluminense.

Desse modo, a análise da *fanpage* permitiu identificar não somente a sua forma de territorialização em rede, mas também os principais sujeitos-chaves do movimento *Hip-hop* na cidade de Campos dos Goytacazes e ter a dimensão de suas influências. Ainda, nos remeteu ao conceito do Haesbaert (2004) de território-rede, no qual a rede social virtual pode atuar como territorializadora e também como desterritorializadora, pois, nesse caso, ela seria um dos elementos principais para construção do território.

Vistas como componentes dos territórios, as redes podem assim estar a serviço tanto de processos sociais que estruturam quanto de processos que desestruturam territórios. Mas a dinâmica do elemento rede tornou-se tão importante no mundo “pós-moderno” que não parece equivocado afirmar que a própria rede pode torna-se um território. (HAESBAERT, 2004, p.298)

Outro ponto que merece destaque se trata da respectiva influência que foi verificada em campo, por meio da observação participativa, dos sujeitos ativos na rede social virtual e aqueles sujeitos ativos, *in loco*, na *Rima Cabrunco*. Nesse caso, há a correspondência entre ambos, ou seja, os sujeitos mais ativos na *fanpage* do Facebook são os mesmos em relações presenciais nos eventos. Contudo, destaca-se que nem sempre essa correspondência é verdadeira, como destacado anteriormente.

---

<sup>19</sup> A análise da *fanpage* da “*Rima Cabrunco*” foi impossibilitada de ser feita através dos softwares NodeXL e Gephi, porque o NodeXL em sua atualização mais recente deixou de ser uma ferramenta livre e com isso passou a cobrar (cerca de U\$ 29,00) para importar dados do Facebook. Como os trabalhos de campo e análises foram realizados em períodos diferentes da bolsa de iniciação científica fomentada pela FAPERJ, o segundo grafo referente a *fanpage* da “*Rima Cabrunco*” acabou não sendo elaborado.



**FIGURA 9:** Evento no Facebook da Rima Cabrunco, 2016.

Desse modo, se pode considerar que quanto maior a rede e maior a influência dos sujeitos que dela participam, mais complexa e mais imbricada se tornam as relações presenciais e aquelas mediadas eletronicamente. Nesse caso, essa imbricação é evidente, principalmente, pela intensa inter-relação entre os seus integrantes e pela organização do próprio movimento. É pela rede social virtual que eles divulgam as suas ideologias, seus eventos e reforçam a necessidade de apropriação e de territorialização de áreas na cidade e de resignificaram locais que exercem centralidade urbana, principalmente, pela Batalha de MC's. O internauta do Facebook muitas vezes é o MC da Batalha, o grafiteiro, o dançarino de *break* ou mesmo um espectador. Com isso não se pode afirmar que as relações mediadas eletronicamente substituam as presenciais e sim que se imbricam e desenvolvem suas particularidades, contraditoriamente, ao fazê-las, reforçam as certas áreas das cidades que podem exercer centralidades urbanas.

## 5. Considerações finais

Percebemos que o movimento *Hip-hop* em Macaé possui a articulação de coletivos bem estruturados e influentes dentro do movimento *Hip-hop* no Estado do Rio de Janeiro. Com diversas atividades pela cidade, além de participação em diversos eventos nas Regiões dos Lagos e Norte Fluminense. Já o movimento *Hip-hop* campista possui manifestações mais recentes no espaço urbano são do que o movimento *Hip-hop* macaense e, por conta disso, os coletivos em Macaé parecem ser mais estruturados e com mais conexões com a capital do Estado do Rio de Janeiro. Porém isso não quer dizer que um movimento é mais importante do que o outro, na verdade nos mostra que são movimentos diferentes e que se articulam considerando as particularidades de suas ideologias.

Ambos os movimentos usam as redes sociais virtuais como ferramenta de promoção de ideias, de festas e eventos ligados ao movimento *Hip-hop*. Produzem territorialidade no meio virtual e no espaço urbano. Os dois movimentos se apropriam e se territorializam em espaços públicos nas áreas centrais das cidades para realização de seus eventos. Em primeiro momento, o movimento macaense teve dificuldades com o poder público para promoção de seus eventos na área central da cidade, depois de alguns anos, conseguiu, em acordo com a prefeitura de Macaé, um local fixo para realização de seus eventos. Já em Campos dos Goytacazes o movimento não teve dificuldades de acesso as áreas centrais da cidade.

Foi possível perceber a Internet como uma espécie de extensão das atividades que acontecem no espaço urbano, assim como, se tratou de uma ferramenta de articulação do movimento *Hip-hop* para se tornasse possível os encontros, debates e as festividades. As dinâmicas dos internautas do movimento *Hip-hop* em Macaé e em Campos dos Goytacazes reforçam os modos de apropriação do espaço urbano, especificamente, a batalha de *MC's*. Notamos assim a consolidação nas redes sociais virtuais na sociabilidade dos sujeitos dos coletivos do movimento *Hip-hop* para definir a apropriação simbólica e empírica de áreas centrais nas cidades que, conseqüentemente, definem territorialidades do movimento *Hip-hop*.

Por fim, indicamos que embora as relações mediadas eletronicamente não substituam as relações presenciais, elas influenciam nas decisões das pessoas para onde irem. A comunicação por meio das redes sociais virtuais influência na decisão de onde os sujeitos vão e mesmo quando estão em eventos distintos, podem se comunicar e permanecem *online* como uma maneira de divulgar e reforçar essas territorialidades.

## Referências

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital.** Disponível em: <[revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/download/4829/3687](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/download/4829/3687)>. Acessado: 05 de agosto de 2017.

AMARAL, A., RECUERO, R., MONTARDO, S. Blogs: mapeando um objeto. In: **Anais do GT História da Mídia Digital do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, Niterói, UFF, Rio de Janeiro, 2008.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o Rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FACEBOOK. **Nosso levantamento mais recente, realizado no último trimestre de 2014, mostra que a presença de brasileiros no Facebook não para de crescer.**

Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-Facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>>. Acessado em: 14 de dezembro de 2016.

FACEBOOK. **Fanpage Rima Cabrunco.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/rimacabrunocampos/?fref=ts>>. Acessado em: 04 de janeiro de 2015.

FACEBOOK. **Fanpage Roda cultural de Macaé.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/rodaculturaldemacae?ref=ts&fref=ts>>. Acessado em: 19 de setembro de 2014a.

FACEBOOK. **Fanpage CultuRap.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/CultuRap/221655667845814?ref=ts&fref=t>>. Acessado em: 19 de setembro de 2014b.

GOMES, R. L. **Território usado e movimento Hip-hop:** cada canto um *Rap*, cada *Rap* um canto. Dissertação do programa de pós-graduação do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

HAESBAERT, R. **Território e multiterritorialidade:** um debate. *GEOgraphia*, no 17, Ano IX, 2007.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre, 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: **Território Territórios.** Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói: UFF/AGB, 2002.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, 2002.

HERSCHMANN, M. Na trilha do Brasil contemporâneo. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Abalando os anos 90: funk Hip-hop:** globalização, violência e estilo de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 04 de abril de 2014.

KOZINETS, R. V. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities.** Disponível em <<http://http://www.nyu.edu/pages/classes/bkg/methods/netnography.pdf>>. Acesso em 05 de agosto de 2017.

MOLINA, A.; RIBEIRO, L. C.; SILVA, E. T. da. **O estado do Rio de Janeiro no Censo 2010.** Disponível em:

[http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/documento01\\_censo2010RJ.pdf](http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/documento01_censo2010RJ.pdf)  
Acessado em: 23 de agosto de 2016.

ROCHA, J.; DOMENICH, M.; CASSEANO, P. **Hip Hop: a periferia grita**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

RODRIGUES, G. B. **Geografias Insurgentes: um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano através das práticas do movimento Hip-hop**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2005.

SPOSITO, Maria. E. B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo** (Tese de Livre Docência). UNESP, Presidente Prudente, 2004.

SOUZA, T. D. **Mexer os quadris, para mexer a mente: centralidade urbana de lazer e a territorialidade do movimento Hip-hop em Macaé e Campos dos Goytacazes**. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.

TAVARES. T. C. **Experiências espaço-tempo no século XXI: globalização, meio técnico-científico-informacional**. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2015.

TURRA NETO, N.; BERNARDES, A. H. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente – São Paulo. **Anais**. XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. UERJ, 2013.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.